

Estimado Artur

Foi com enorme satisfação que recebi sua última carta, em vésperas de viagem para Cuenca. Fiquei totalmente rendido a esta cidade, não só pela energia positiva e contagiante dos seus principais cidadãos protagonistas mas também pelo mistério e magia que nos transmitem todas aquelas falésias, em parte já antropomorfizadas. Pelas manhãs, a humidade que escorre pelas suas vertentes é testemunha dos rituais de amor que elas tão bem imprimem nas suas formas. Quando falo de amor, refiro-me ao que de mais sublime transcende a nossa condição humana. Fui já a Cuenca 4 vezes desde que conheci o Valera e esse lugar mágico. Todas estas viagens num ano. Bem adiante. Para Cuenca fui com o André, o amigo que o Artur conheceu em Coimbra aquando das exposições de Setembro. Ele é um jovem dinâmico e profundamente conhecedor da História da Arte Universal. Não tem talento para a criação (ou pelo menos ainda não lhe foi possível aflorar às mãos esse dote) mas ainda o poderá vir a conhecer. No entanto revela-se muito sensível ao Surrealismo e tem manifestado interesse na execução da revista DEBOUT SUR L'OEUF. Confessou-me sua mãe que eu fui o "evangelizador", uma vez que o surrealismo que lhe chegara ao conhecimento foi o da via académica, que como sabe, distorcido, dando principal ênfase à criação do DALI, MARGRITTE e do MIRÓ. Imagine o Artur eu evangelizador. Acredito antes que sensibilizei-o com o meu entusiasmo e a minha energia para realizar algo nesta fantástica embarcação-sonho de seu nome surrealismo.

A Cuenca fomos entregar todo o espólio que o Valera me confiou à exposição "Os Ossos também têm fome". E pretende ser esta carta também uma espécie de diário de bordo desta viagem-exposição de que foi também timoneiro o Artur, uma vez que foi com a sua chave que me abriu a porta Cuenca. Foi de facto uma experiência enriquecedora uma vez é a área dos livros pela qual enveredei profissionalmente. Mas quero deixar bem claro que esta exposição não teve qualquer lucro comercial. Nada estava para venda e o trabalho e tempo que investi neste evento foi desinteressado de qualquer proveito monetário. Desde que fui a Cuenca recolher o material a expor (finais de Julho) até o princípio de Setembro, fechei-me no meu "gabinete de trabalho" lá de casa a trabalhar na realização do catálogo. Tudo foi idealizado e composto sob minha responsabilidade. De semana a semana contactava o Valera no sentido de saber se concordava com isto ou aquilo. Foi de facto muito trabalhoso, ao ponto de sacrificar tempo e atenção das minhas filhas e minha mulher Maria. Aliás, as desavenças matrimoniais pelas quais passamos este final de verão foi exactamente pela minha constante ausência e constante dedicação ao catálogo da Menú. Ainda estou sofrendo as consequências, uma vez que ela não entendeu o meu tanto empenho com semanas dispensadas ao convívio familiar para depois no final não ter proveito económico algum. Mas enfim caro Artur, creio que é uma atitude típica na maioria das esposas – o dinheiro. Ao contrário da exposição que realizei com o Artur o ano passado, eu tive o seu apoio em que se venderam 3 desenhos, cujos proveitos deram para suportar os custos do catálogo e ainda para algo mais. Não tive tantos visitantes quanto tive com a sua exposição, mas ela foi também igualmente acarinhada entre os nossos amigos surrealistas de todos os continentes. O Bernard Atmani ficou impressionado com os eventos e não quis deixá-los passar em branco. Tratou de imediato de efectuar um texto para a InfoSur do Richard Walter.

No catálogo do Valera houve um ponto que, confesso, não saiu bem. A cor final não foi fiel à dos originais. Mas mesmo assim aceitável. O custo do catálogo rondou os 2300 euros (pouco mais de 500 contos) para 300 exemplares, tendo o Valera pago 1800 euros por 250 exemplares e eu suportado o restante custo (500 euros – 100 contos) para ter direito a 50 exemplares. A feitura do catálogo foi paga e eu não quis qualquer proveito económico com o meu trabalho. Fi-lo com amor e paixão para não falar da amizade que tenho pelo Valera. Não tive nenhum agradecimento, mas também sei que ele não é de agradecimentos. A amizade

não se agradece, dá-se e partilha-se. No entanto tive outros proveitos, que embora sejam a longo prazo, dão-me imensa satisfação e honra: o meu nome será com certeza lembrado sempre que as edições Menú sejam festejadas, pelo menos assim espero. E no final de tudo isto, quem deve agradecer alguém a alguém sou eu ao Artur Cruzeiro Seixas uma vez que, sem querer repetir, foi o Artur que me abriu essa porta.

Na sua carta também senti a sua decepção quanto aos encontros e desencontros da exposição dos "cadavre-exquis" na Perve. Vê neste senhor algum futuro nos projectos relacionados com o surrealismo? Agora que o Cesariny já não está fisicamente presente ...

Quanto à "carpeta" que o Pedrito me pediu para lhe entregar, é uma produção muito curiosa. Creio que esta hora já o Eduardo Tomé lhe-a entregou. Eu também fui agraciado com um exemplar. Temos neste momento em marcha uma produção colectiva para distribuir no Natal; um trabalho colectivo composto por poemas (em português e castelhano) e collages de seu nome PÉS PELA NEVE, SILÊNCIO EM CHAMAS. Não se tratam bem de cadavre-exquis mas antes trabalhos colectivos, uma vez que era conhecimento de um a parte que o outro iria terminar. Resultou numa expressão final muito curiosa, uma linguagem Conimbrigo-Madrilenha.

Quanto à revista DEBOUT SUR L'OEUF, caro Artur, tenho já adiantada a maquette do primeiro número. Pergunto-lhe 2 coisas:

- 1- deverei deixar por traduzir os textos escritos no idioma Português? Isto é, tenho dezenas de poemas e textos em francês e inglês, em espanhol (vindos do Chile e Espanha) e também em português. Creio que seria justo deixá-los na língua original uma vez que a tradução poderá resultar em desnudar o sentido do texto. Mas gostaria de ouvir a sua opinião relativamente a este aspecto.
- 2- Um número de homenagem ao Cesariny e Jaguer. Acha que se deva dedicar exclusivamente um número a estas 2 personalidades ímpares do surrealismo? Ou acha que a revista deverá seguir o seu caminho natural, uma vez que já se dispõe de inúmera colaboração, e então incluir algumas páginas de homenagens a estes 2 vultos. Se achar bem um número exclusivo de homenagem ao Jaguer/Cesariny, deverá ser o número inaugural ou não?

Para a revista gostaria de ter algo de homenagem ao Cesariny vindo da sua parte. O que achar melhor ou conveniente. Lembro-me que o Artur no dia da exposição do Valera recitou um poema do Mário de cor. Disse-me também que esse poema fora-lhe dito pelo distante Mário dos anos 50-60 e que ainda se encontrava inédito. Poderia-se aproveitá-lo para a revista. O que acha querido amigo?

Não tomo mais o seu tempo e fico na expectativa de ter notícias suas brevemente.

Anexo-lhe um pacote de 10 folhas de papel artesanal que comprei numa "tienda" de papel artesanal em Cuenca. Foram elaboradas artesanalmente numa aldeia próxima de Cuenca que se chama Molinos de Papel (Moinhos de papel). Lembrei-me logo de si e resolvo comprar para lhe as oferecer, pois poderiam ser da maior utilidade para as suas obras. Espero que goste.

Deixo-lhe o mais apertado dos abraços,

Miguel de Carvalho

Coimbra, 1 de Dezembro de 2006

01.54.07